

O G20 E A DESORDEM MUNDIAL

por Mário Soares

O G20 que reuniu em Seul, na Coreia do Norte, os Estados mais ricos e desenvolvidos do Mundo, para pôr cobro, essencialmente, à guerra das moedas - entre a China, a América e a Europa do euro - foi um autêntico flop. Os dirigentes aparentemente não se zangaram - Barack Obama muito atacado pela desvalorização do dólar, defendeu-se com argumentos válidos - mas não concluíram nada que valesse a pena. Limitaram-se a confiar ao FMI (Fundo Monetário Internacional) "a coordenação de um grupo de trabalho, encarregado de elaborar até à Primavera de 2011 uma bateria de indicadores que permita avaliar a perigosidade das balanças correntes". Isto é: recorreu-se à "solução" de criar um grupo de trabalho, a prazo, que é o que se faz, normalmente, quando se quer, sem o confessar, adiar um problema para o qual não se encontra solução. Houve fotografias de família, muitos sorrisos mas nada de importante se passou... Os grandes do Planeta não chegaram a qualquer acordo para que este nosso Mundo desregulado e inseguro, encontre um caminho de paz e de prosperidade, para as respectivas populações. Contra o recente apelo do Papa para que se mude o modelo económico...

Tudo se passou à margem da ONU, embora estivesse representada pelo Secretário-Geral, e dos pequenos e médios países. É certo que o consenso de Seul para "um crescimento partilhado", adoptado pela Cimeira, sublinha que "um crescimento sólido, durável e equilibrado é fundamental para ajudar o desenvolvimento dos países pobres". Mas trata-se de uma mera frase, que se repete, aliás, desde os Objectivos do Milénio, há cerca de dez anos, sem ter qualquer conteúdo ou contrapartida prática...

Tempos difíceis nos esperam, onde cada Estado trabalha para si e os nacionalismos aparecem de novo à luz do dia, esquecendo a solidariedade e os valores que marcaram, desde 1957 (Tratado de Roma) o projecto europeu. Sarkozy, dando-se mal com a Senhora Merkel, visto que a França não pode rivalizar com a Alemanha, em matéria financeira e mesmo económica, sobretudo no plano das exportações, resolveu renovar a Entente Cordiale, no domínio militar e de segurança, com o Reino Unido, de Cameron. Sempre são duas potências nucleares, o que a Alemanha não é. Mas não deixa de ser perigoso este acordo, por ter muito pouco a ver com a União Europeia, de que a França e a Alemanha foram o motor. Ligar-se agora a um Estado, o Reino Unido, que foi sempre reticente ao projecto europeu e, muitos dizem, que entrou nele (mas não na zona euro nem no espaço Schengen) para o sabotar, não parece ser de bom augúrio.

Sarkozy, actual presidente do G20 disse ter três grandes objectivos a atingir: a reforma do sistema monetário internacional; o controlo dos preços das matérias-primas; e um esquema de governação mundial. Excelentes propósitos! Contudo, lendo, com atenção, os relatos da imprensa internacional, sobre a reunião do G20, parece que nenhum dos seus parceiros levou a sério qualquer desses (tão sérios) objectivos. Assim vai o Mundo global em que vivemos. Fala-se muito mas faz-se pouco. Enquanto a paralisação da União Europeia se vai acentuando, sem lideranças, nem ideias que nos valham, para atacar a crise em que mergulhámos...

Ora, não há ainda um plano estratégico concertado (não só financeiro mas também económico), de médio prazo, para vencer a crise, que afecta os 27 Estados membros ou, pelo menos, os 16 da zona euro. A União Europeia, conservadora, burocrática e sem alma, que temos, não passará, tão cedo, da cepa torta em que mergulhou. A decadência vai-se acentuando - bem como a sua marginalização, no plano internacional - a caminho talvez da desintegração. Esperemos que não.

Mas é uma probabilidade que os cidadãos europeus devem interiorizar, para melhor poderem reagir, com lucidez e eficácia, contra o desastre anunciado, para onde as actuais lideranças nos estão, consciente ou inconscientemente, a arrastar. Precisamos de movimentos de opinião consistentes, de debates inter-europeus, de manifestos subscritos por gente informada e consciente, de tudo o que possa influenciar, os Partidos, os Parceiros Sociais, o Parlamento europeu e os nacionais e dê voz à cidadania europeia.

Um livro oportuno e necessário

Felipe Gonzalez acaba de publicar um livro, em Outubro de 2010 que, por enquanto, tanto quanto sei, não tem ainda tradução em português. Espero que tenha. Atenção, editores. Chegou-me por mão amiga e não a dele, que também é amigo fixe, há longos anos. Intitula-se "Mi idea de Europa". Um tema de grande actualidade, tanto maior, quanto os leitores sabem que Felipe Gonzalez,

presidiu ao "grupo de sábios", criado em Dezembro de 2007, como uma Comissão que procedesse a uma reflexão colectiva sobre o futuro da União Europeia. Assim aconteceu.

O Relatório, a que deu lugar, foi apresentado ao Conselho Europeu, que teve lugar em Bruxelas, em Março de 2010, sobre o qual escrevi, com entusiasmo e oportunamente, nesta coluna, há poucos meses. Disse então - e agora repito - estou convencido que os líderes europeus que encomendaram aos sábios o Relatório, o não leram, nem, menos ainda, reflectiram sobre ele, a avaliar pelas posições que têm vindo a tomar, desde então...

O livro de Felipe Gonzalez começa pela síntese apresentada pelo Comité dos Sábios ao Conselho Europeu, já citado. Depois, passa para uma reflexão feita na Fundação Julián Besteiro. Seguem-se vários textos, de intervenção, o primeiro dos quais feito no Foro Económico Europeu, em Bruxelas, 2009, em que diz para concluir: "o nosso esforço de europeus deveria levar-nos a contrapor, como objectivo, um modelo de economia social de mercado, sustentável no plano ambiental, altamente competitivo, face ao capitalismo de casino, sem regras, que nos levou à crise". De Janeiro de 1999, há um outro escrito, apresentado em Madrid "União Europeia: União de Povos"; e outro "De Nice a Berlim - mais do que nunca precisamos da Europa", uma reflexão histórica sobre o caminho recente da Europa, em Madrid, Janeiro de 2001.

Na segunda parte do livro, escreve sobre "as lideranças, a identidade e os desafios". Isto é: sobre a necessidade (óbvia) de novas lideranças, Madrid, Novembro de 2005; e no seguinte faz o elogio (ultra merecido) de Helmut Kohl "como um cidadão comprometido" com a Europa, claro.

Outros estudos que publicou até 2010, visam: problemas de identidade; a Europa: museu ou laboratório?; os Desafios da União (como a energia); migrações e identidade cultural; economia e globalização; revolução tecnológica e educação; e cidadania europeia (texto de Janeiro de 2010).

Na terceira parte, ocupa-se da Europa e o Mundo, com textos, muito interessantes, como: a Política Externa; a Europa e a América Latina; Europa, Israel e o Mundo Islâmico; e Europa e África. O livro termina com um epílogo "Uma proposta para a Europa", escrito com enorme clareza e inteligência.

Nos tempos tão complexos que atravessamos um livro como o que Felipe Gonzalez publicou tem um imenso valor pedagógico. Por isso chamo a atenção dos leitores para ele. Está escrito numa linguagem muito directa e clara. Lê-se de um fôlego. Contem uma enorme formação extremamente útil, para se perceber onde estamos, enumerando os múltiplos desafios que a União hoje tem pela frente, se não quiser entrar em decadência e porventura mesmo em desagregação. Como aliás o Ocidente, em conjunto. As nações não morrem, é verdade. Mas a geoestratégia dos Estados e as relações de força entre eles mudam consideravelmente. Já não estamos no século americano. Nem, muito menos, o Mundo tem por referência a União Europeia, como há vinte anos. Estamos agora num Mundo multi-polar e multi-cultural. Temos, por isso, de ter em conta os países emergentes e olhar para a Ásia, como nunca: não só para a China, mas também para a Índia, o Japão (que reaparece) e a Indonésia. Sem esquecer a Rússia e, obviamente, o Brasil...

Uma semana mais calma

A semana que passou foi um pouco mais calma do que se esperava. A União Europeia resolveu prometer apoiar a Irlanda, o país que se seguia à Grécia nas dificuldades de tesouraria, que tanto aguçavam os apetites dos especuladores. Foi quanto bastou para as Agências de Avaliação moderarem os seus pareceres contra Portugal, o país europeu que parecia seguir-se - ou talvez não - aos dois citados. Apesar de termos passado, nesse mesmo dia, a barreira (dita fatídica) dos 7% do déficit, que era considerada a linha vermelha que não podíamos sequer pisar. Vejam os leitores como os números que nos atiram para cima são contingentes e mutáveis...

Por outro lado, houve a visita do Presidente chinês, Hu Jintao, a Portugal. Declarou-se confiante no nosso futuro. Correu o rumor - e foi mais do que um rumor - que iria investir, comprando títulos da nossa dívida pública. E, mais do que isso, mostrou-se muito interessado em ter uma posição no nosso porto de Sines, dada a sua excepcional posição geoestratégica e as suas excelentes condições naturais.

A essa visita seguiu-se, de resto, a visita do primeiro-ministro, José Sócrates, a Macau, onde encontrou o seu homólogo da China, Wen Jiabao. Sócrates não perdeu tempo. A conversa foi, ao que parece, bastante oportuna e produtiva. O presidente de Timor, Ramos Horta, aproveitou para ir também a Macau encontrar Sócrates. E fez uma proposta, significativa, para o pequeno Timor. Ajudar Portugal, uma vez que tem petróleo e algum dinheiro disponível para investir. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...

Seria bom para os nossos ditos infalíveis comentadores, habituais derrotistas, que tivessem em conta que as coisas mudam e que atrás de tempo, tempo vem. Nem tudo é mau na nossa terra e nem tudo, nunca, está definitivamente perdido. Apesar das dificuldades muito séria por que estamos a passar.

Também no plano político houve uma acalmia. As relações PS/PSD voltaram a ter lugar, ao que parece. É um sintoma excelente. Passos Coelho sabe bem que atirar agora o Governo Sócrates abaixo, seria, isso sim, fatal. É um político que se tem revelado sagaz e sensato. Porquê? Porque então, sim, seria o pior sintoma. E os especuladores não o iriam perder para nos atacar a sério. Há quem não goste de Sócrates - está no seu direito - a política é assim, cria ódios e dedicações. Mas deitá-lo abaixo, sem eleições, antes das presidenciais, seria uma tremenda insensatez. Não esqueçamos que Sócrates é primeiro-ministro pelo voto do Povo Português. Assim, uma tal atitude, só poderia voltar-se contra quem se atrevesse a cometê-la. E não vejo quem o poderia fazer... Porque razão, então, os Partidos acirram os ânimos - e tudo lhes serve para isso - em vez de os acalmar? Não consigo entender. A política do quanto pior melhor nunca me agradou.

Morreu Jacinto Simões

Depois de uma doença inesperada, caiu de uma escada em sua casa, foi internado num hospital, que aliás tinha dirigido - onde o visitei - e acabou, inesperadamente, por falecer. Foi um triste golpe para a Família e para os Amigos, que os tinha muitos e bons.

Foi um grande médico, reputado justamente entre os maiores, que exerceu com paixão a sua profissão até à morte. Éramos da mesma idade. Fomos sempre fraternalmente amigos, desde a Universidade, quando ambos combatíamos a Ditadura no MUD Juvenil. Aliás os nossos Pais eram também amigos e correligionários e ambos conheceram as prisões da Ditadura e duros exílios.

Jacinto Simões não foi só um médico ilustre. Foi um humanista e um homem de cultura. Além disso, foi uma pessoa extremamente generosa, que abrigou amigos, em dificuldades, em sua Casa e a muitos doentes não só não levava dinheiro, como os auxiliava a comprar os remédios e, se necessário, alimentava. Um exemplo de grande patriarca e homem bom. Era, como me disse António Reis, o mais velho maçon do Grande Oriente.

Passámos muitos anos sem quase nos vermos. Depois do 25 de Abril, quando voltei do exílio, voltámos a encontrar-nos com mais frequência. Ultimamente jantávamos juntos, com amigos comuns. Era um excelente conversador e conhecia, praticamente, toda a gente, em Lisboa, onde sempre viveu. O seu falecimento deixa uma profunda saudade.

Lisboa, 16 de Novembro de 2010